

## Entre a Terra e o Céu: a questão do habitar em Heidegger

### Resumo

*A questão do habitar em Heidegger, tanto nos escritos do início do caminho de seu pensamento, como naqueles em que a poesia se faz fortemente presente, é marcada por uma aparente ambiguidade, que melhor se expressaria na palavra **tensão**: originária e ontologicamente **o homem habita mergulhado na estranheza**, de tal maneira que qualquer forma de familiaridade, ou do “sentir-se em casa” são apenas modos de encobrimento desta arraigada e inescapável estranheza. É justamente esta tensão intrínseca ao sentido mais profundo do habitar em Heidegger o que nos interessa no presente estudo.*

**Palavras-chave:** heidegger; habitar; estranheza; poesia.

### Abstract

*The idea of dwelling in Heidegger, which emerges at the beginning of the path of this thought, and is noticed through the powerful presence of poetry, is marked by an apparent ambiguity that is best expressed in the word ‘tension’. Ontologically, ordinary man is steeped in strangeness, such that any form of familiarity, or ‘feeling at home’ are simply ways of masking this entrenched and inescapable strangeness. It is this inherent tension in the deepest sense of dwelling, implying strangeness, in Heidegger which interests us here and motivates this study.*

**Keywords:** heidegger; dwelling; strangeness; poetry.

---

\* Professora do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

Um dos mais importantes comentários de Heidegger acerca do habitar já se expressa como uma afirmação de sua ausência quando, no do Parágrafo 40 de *Ser e Tempo*, discorrendo sobre a disposição fundamental da angústia, ele afirma que “o não sentir-se em casa deve ser compreendido, existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário”.<sup>1</sup> Esta afirmação aponta para pelo menos três aspectos de sua longa reflexão sobre o habitar: primeiramente, para o caráter essencial assumido por esta questão no contexto de seu pensamento, atravessando-o em todos os seus momentos; em segundo lugar, esta afirmação já indica que, para Heidegger, a palavra “habitar” – ou “habitação” – não concerne propriamente à moradia, ou à casa – “o não sentir-se em casa” diz respeito a um fenômeno bem mais originário, ontologicamente determinante e anterior a qualquer consideração sobre as diferentes formas de abrigo criadas pelo homem. Finalmente, a afirmação expõe de maneira incisiva uma *tensão* intrínseca ao habitar: *o homem habita mergulhado na estranheza*, de tal maneira que qualquer forma de familiaridade, ou do “sentir-se em casa” são apenas modos de encobrimento desta arraigada e inescapável condição. É justamente esta tensão inerente ao sentido mais profundo do habitar em Heidegger o que nos interessa aqui.

Ainda em *Ser e Tempo*, na apresentação do ser-no-mundo em sua constituição ontológica como *ser-em*, Heidegger resgata o sentido deste “em” reconduzindo-o ao seu contexto original na língua alemã: “*em*’ deriva de *innan*-, *morar*, *habitar*, *deter-se*; ‘*an*’ significa: *estou acostumado a, habituado a, familiarizado com, cultivo alguma coisa (...)*”.<sup>2</sup> Ou seja: o ser-no-mundo existe e se determina *como aquele que habita*. O habitar assume, neste momento, um sentido primordialmente temporal, de deter-se junto ou de acostumar-se a algo, ou ainda um sentido de cultivar; trata-se de uma forma de proximidade que se define antes de tudo pela *permanência* junto aos entes em geral, permanência esta que concede ao ser-no-mundo uma espécie de amparo, uma certa familiaridade calcada no conforto do que é sempre o mesmo. O hábito, o habitual e o habitar não se separam, porém, de seu *outro*: o não familiar, o inabitual, o inabitável, o “em parte alguma” que angustia e que irrompe no seio do que se imaginava conhecer. A tensão que aqui se revela no âmago do habitar humano diz respeito fundamentalmente à condição do ser-no-mundo como aquele que, em habitando, não se sente em casa, permanecendo atravessado por um sentimento de exílio, de *Unheimlichkeit* e, principalmente, de sua própria finitude. A razão disto é que, como coloca Michel Haar, “*um habitar sempre*

1 Heidegger, Martin. *Ser e Tempo*. Trad. Sá Cavalcante. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, vol.1, p.254.

2 *Ibid.*, p.92.

*compreende uma dimensão 'ek-statica', pela qual seu habitante é lançado para fora da esfera de intimidade, do coração, no sentido do centro, ficando entregue ao opaco afastamento de uma Terra e à luminosa distância de um mundo".<sup>3</sup>*

O estar lançado para fora da esfera da proteção, como um sentido de perda da morada, é o que transborda também das palavras de Rainer Maria Rilke, numa belíssima passagem de *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge* integralmente transcrita por Heidegger em *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*, ainda em 1927. Trata-se, mais especificamente, da pungente descrição que o poeta faz de seu encontro com a parede interna de uma casa já demolida, uma parede nua que ainda restava de pé, solitária. A dramática visão pelo poeta dos vestígios da existência entranhados no frio plano de uma parede escorada é, de fato, a consumação de um reencontro, ou melhor, de um reconhecimento: ali, um dia, fora sua casa; restos de seu antigo quarto de dormir e a marca de sua cama decalcada na parede aparece subitamente à sua frente, agora exposta em meio ao burburinho da rua. São marcas não apenas de um lugar que não mais existe, com traços das antigas paredes internas, dos espelhos, os encanamentos agora visíveis, matizes de cores que lentamente se perderam no cansaço dos anos e nos vestígios de papéis de parede, mas, acima de tudo, são marcas da angústia, do tempo e da finitude. Na passagem de Rilke a ausência de morada é explicitamente trazida à luz do dia; é como que o avesso do abrigo, cujo interior protetor foi trazido para fora.

Embora os comentários de Heidegger sobre esta passagem não tenham focalizado propriamente o impressionante momento do reconhecimento, pelo poeta, da ruína daquela que outrora fora sua morada, tratando preferencialmente da fenomenologia implícita ao relato do poeta, é bastante significativa a presença, ali, daquela página de Rilke: Heidegger já deixava claro, naquele momento, que a questão do habitar ocupava seu pensamento e que, mais do que o habitar, era preciso pensar o seu oposto, o “*não se sentir em casa*” pelo ser-no-mundo. A este respeito, Julian Young afirma que o habitar significa em Heidegger “*segurança ontológica*” (“*ontological security*”), dimensão esta que é nitidamente excluída de *Ser e Tempo*, onde: “*ser, pois, autêntico, não é, entretanto, um voltar para casa. Não é uma 'solução' para, ou um superar a ausência de morada. É, antes, um viver com ausência de morada*”, diz Young.<sup>4</sup>

3 Haar, Michel. *The Song of the Earth*. Indianapolis: Indiana University Press, 1993, p.139.

4 Young, Julian. What is dwelling?. In *Heidegger, authenticity and modernity – essays in honor of Hubert Dreyfus*. Editado por Mark A. Warthall e Jeff Malpas. Massachusetts: The MIT Press, 2000, Vol. 1, pp.189-90, tradução minha.

A presença de Rilke nas considerações de Heidegger em *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia* sinaliza ainda para a inflexão, ou a viragem, que se anuncia em seu pensamento: os poetas, de fato, parecem ter muito a dizer sobre o habitar, bem como sobre o estar expulso de qualquer abrigo, exposto, como diz Heidegger, “à realidade palpável e ruidosa na qual acreditamos estar em casa”.<sup>5</sup> Mais do que em Rilke, é em Hölderlin que Heidegger encontrará a matéria poética que influenciará profundamente seu pensamento, e que dará corpo às suas reflexões acerca do habitar. Em meados da década de 1930, a ideia de uma habitação fundamentalmente poética ganha expressão no escrito *Hölderlin e a essência da poesia*, em que Heidegger nos dá, já neste momento, uma definição clara do que significa esta habitação poética. Compreendendo a poesia como um nomear originário dos deuses e de todas as coisas, ou como a instauração e um vir a ser pela palavra, “habitar poeticamente”, diz Heidegger, “significa estar na presença dos deuses e ser tocado pela proximidade essencial das coisas”.<sup>6</sup> Esta afirmação situa explicitamente o habitar humano tanto em meio às coisas mais simples e próximas, um habitar antes de tudo marcado pela proximidade, como em seu estar em face do sagrado, do sagrado tornado ali presente. Ou seja: o homem habita o *entre*, que se instaura no rasgo entre terra e céu.

A poesia, então concebida como força de reunião deste duplo pertencer do homem, eleva o poeta à condição de intermediário, como aquele que, permanecendo entre dois âmbitos, acaba por não pertencer a nenhum lugar seguro. E a tensão entre a instauração de um habitar na terra e o inescapável estar lançado fora se reafirmam aqui. O poeta, diz Heidegger, situado entre os deuses e o povo “é um ‘projetado fora’, habitando aquele *entre*, entre os deuses e os homens. Mas só neste *entre* e pela primeira vez se decide quem é o homem e onde se estabelece sua existência”.<sup>7</sup> E aqui nos deparamos com uma indicação que me parece crucial: o homem e sua existência têm sua essência decidida neste *entre*. Em outras palavras, antes de se determinar por seu habitar, o homem se define como aquele que caminha num vinco, numa fenda, num essencial não pertencimento, numa ausência de pouso seguro. Talvez seja mais preciso afirmar que o homem existe como aquele que habita, e que este seu habitar não se traduz como a segurança de um abrigo, mas antes como um caminhar na dor

5 Heidegger, Martin. Hölderlin y la esencia de la poesía, in *Arte y Poesía*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1958, p.143.

6 *Ibid.*, p.139.

7 *Ibid.*, p.146.

do corte, entre a terra e o céu ou entre deuses e coisas, num permanente estar a caminho. Sem pertencer propriamente a nenhum destes âmbitos, ele traz em si o traço da estranheza, e mesmo da errância.

“O homem é o que há de mais estranho”, havia dito Heidegger um ano antes, em 1935, em *Introdução à metafísica*; estranho porque “conduz o seu ser no meio do estranho”, porque se afasta de sua paisagem habitual, porque se retira do não ameaçado, e “por toda parte se abrindo caminhos, se vê lançado fora de todo caminho”. Mas justamente nesta estranheza se dá o essencial, como expõe o autor:

Para se avaliar, porém, em todo o seu alcance a importância desta palavra sobre o homem, temos também de levar em conta que ela não pretende atribuir-lhe simplesmente uma propriedade especial, como se o homem, além de ser o que há de mais estranho, ainda fosse outras coisas. Ela diz, ao contrário, que ser o mais estranho é o feitio fundamental da essencialização do homem, no qual se inscrevem cada vez, sempre e necessariamente todos os demais traços e caracteres.<sup>8</sup>

O que fica cada vez mais evidente no pensamento de Heidegger é o fato de que toda a sua reflexão acerca do habitar diz respeito diretamente à questão do ser, indo buscar antes de tudo na poesia, e especialmente em Hölderlin, sua essência própria, como mostram seus escritos da década de 1950. Antes disso, porém, a temática do habitar volta a receber abordagens significativas em sua *Carta sobre o humanismo*, publicada em 1946, e nos cursos de verão de 1943 e 1944, na Universidade de Freiburg, reunidos na obra *Heráclito*. As passagens que concernem ao tema aqui tratado, em ambas as obras, falam do próprio Heráclito, e mais especificamente do Fragmento 119 (*Ethos anthropo daimon.*), que, segundo Heidegger, costuma ser traduzido como: “O caráter próprio do homem é o seu demônio”. A crítica de Heidegger a esta tradução recai sobre o sentido da palavra “ethos”, e ele diz:

*Ethos significa morada, lugar da habitação. A palavra nomeia o âmbito aberto onde o homem habita. O aberto de sua morada torna manifesto aquilo que vem ao encontro da essência do homem e assim, aproximando-se demora-se em sua proximidade. A morada do homem contém e conserva*

---

8 Heidegger, Martin. *Introdução à metafísica*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1999, p.174.

*o advento daquilo a que o homem pertence em sua essência. Isto é, segundo a palavra de Heráclito, o daimon, o Deus.*<sup>9</sup>

Ainda conforme a interpretação heideggeriana, esta sentença de Heráclito concordaria com o famoso relato de Aristóteles (*De part. anim.* A 5. 645 a 17), onde é narrado o momento em que um grupo de visitantes, curiosos a respeito do sábio, chegam à sua morada, certos de que o encontrarão “*mergulhado em profundas meditações*”, como diz Heidegger. Os visitantes esperam contemplar uma cena extraordinária, rara; desejam vivenciá-la e poder confabular, depois, sobre o que viram. Mas estas expectativas se frustram diante do cenário absolutamente banal da morada de Heráclito, que se sentara junto ao forno para se aquecer. Como se isto não bastasse, Heráclito convida os visitantes para se juntarem a ele, quando teria dito: “*Pois também aqui estão presentes os deuses*”. Este episódio, mais de uma vez abordado por Heidegger, lançaria uma outra luz sobre a ideia de morada, levando a uma compreensão da sentença heraclítica como: “*A habitação (familiar) é para o homem o aberto para a presentificação do Deus (o in-sólito) [ou o não-familiar]*”.<sup>10</sup>

Uma inflexão significativa pode ser registrada aqui: a tematização do estranho no seio do familiar, já presente nas primeiras obras de Heidegger, começa a abarcar no âmbito do insólito e do não familiar a dimensão do sagrado, do divino, como uma dimensão presente no que há de mais íntimo – a morada –, mas sendo ao mesmo tempo uma dimensão desconhecida. Fica bastante evidente, principalmente nos escritos da década de 1950 que tratam do habitar, uma tensão entre o céu e a terra, entre deuses e mortais. A condição de “mortal” aqui sublinhada é um reconhecimento da finitude do homem como um fator determinante deste mesmo habitar, como será visto mais adiante. O habitar cada vez mais se identifica com um “entre” tensionado, como o traçado de uma fronteira, como a vizinhança de opostos que se confrontam. Como assinala Julian Young, o fato de que a questão do habitar, quase ausente nas primeiras obras, tenha se tornado algo decisivo para uma compreensão da própria “essência” humana é “um marco das profundas mudanças que ocorreram no pensamento de Heidegger entre 1927 e 1951”<sup>11</sup>, ano este que marca o início de uma série de escritos cruciais sobre esta temática.

9 Heidegger, Martin. *Carta sobre o Humanismo*. Trad. Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimaraes Editores, 1985, p.85.

10 *Ibid.*, p.87-88.

11 *Op.cit.*, p.190.

De fato, em *Construir Habitar Pensar*, de 1951, a essência humana, o “traço fundamental do ser-homem” [der Grundzug des Menschsein] se define como *habitar*: “somos *como aqueles que habitam*”, diz Heidegger.<sup>12</sup> A pergunta sobre “em que consiste o vigor essencial do habitar” é colocada logo em seguida, e sua resposta, em um modo bem característico de Heidegger, é buscada no próprio dizer da linguagem. Procurando penetrar o sentido original de termos do antigo saxão e do gótico, ele conclui que o sentido implícito ao habitar é, fundamentalmente, o de “demorar-se”, bem como “ser ou permanecer em paz”, resguardado ou preservado, e afirma:

O traço fundamental do habitar é este resguardo [*dieses Schonen*]. O resguardo *perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste em habitar e, isso, no sentido de um demorar-se dos mortais sobre a terra.*<sup>13</sup>

Este demorar-se sobre a terra já traz consigo o “sob o céu”, diz ele, em um “resguardo de quatro faces” que acontece na unidade e na simplicidade de uma quadratura que afirma a unidade de terra, céu, mortais e divinos, não obstante suas profundas diferenças. Pensado aqui antes de tudo enquanto mortal, enquanto o que é “capaz da morte como morte”, o homem se demora tendo diante de si o seu fim, sua impermanência. A intrínseca conexão entre a morte e a concepção heideggeriana do habitar fica claramente expressa em uma afirmação já ao final de seu ensaio, que diz: “Habitar é, porém, o *traço essencial* do ser de acordo com o qual os mortais são” [Das Wohnen aber ist der Grundzug des Seins, demgemäss die Sterblichen sind.].<sup>14</sup>

A reflexão sobre o habitar se aprofunda na conferência proferida apenas dois meses depois, “...*poeticamente o homem habita...*”, título este tomado de empréstimo ao poema de Hölderlin No Azul Sereno... (In Lieblicher Bäue...). Nesta conferência a questão-guia – “*como o habitar humano pode fundar-se no poético?*” – já se coloca como uma afirmação, apenas à espera de desenvolvimento. É importante que se observe que Heidegger esclarece, antes mesmo de dar início às suas considerações, que não pensará o habitar “como mais um modo de comportamento humano, dentre tantos outros”, numa repre-

12 Heidegger, Martin. *Ensaio e Conferências*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p.128.

13 *Ibid.*, p.129.

14 *Ibid.*, p.140.

sentação banalizada deste, mas que quer pensar, *a partir do habitar*, a própria existência humana. Sendo assim, Heidegger conceberá o poético não apenas como aquele que antecede o habitar, mas também como um deixar-habitar [*Wohnenlassen*]. Pensar o que se designa por existência humana a partir da essência mesma do habitar e a essência da poesia enquanto um deixar-habitar, ou seja, como um *construir*, eis a tarefa que se coloca, então, diante de Heidegger. Construir, no sentido que aqui recebe esta palavra, não envolve apenas o que é edificado, mas tudo o que resulta do cuidado e do cultivo humanos, tudo o que é instaurado por suas mãos. Mas a essência mesma do habitar jamais se deixa limitar, ou se consumir em tais méritos humanos: ao contrário, todo construir já é, em si, uma consequência do habitar, e não seu fundamento. O que está em pauta, para Heidegger, é um outro sentido do construir. Para que se possa melhor compreender o que será colocado, faz-se necessário ouvir as palavras de Hölderlin no poema, que dizem:

*Deve um homem, no esforço mais sincero que é a vida,  
levantar os olhos e dizer: assim  
quero ser também? Sim. Enquanto perdurar junto ao coração  
a amizade, pura, o homem pode medir-se  
sem infelicidade com o divino. É deus desconhecido?  
Ele aparece como o céu? Acredito mais  
que seja assim. É a medida dos homens.  
Cheio de méritos, mas poeticamente  
o homem habita esta terra. Mais puro, porém,  
do que a sombra da noite com as estrelas,  
se assim posso dizer, é  
o homem, esse que se chama imagem do divino.  
Existe sobre a terra uma medida? Não há  
nenhuma.<sup>15</sup>*

O levantar os olhos, pelo homem, de seu âmbito terreno, onde se esforça, em direção ao celestial, ou, em outras palavras, o percurso de seu olhar entre a terra e o céu, marca e define sua própria condição. “Este levantar os olhos mede o entre céu e terra”, diz Heidegger, e este “entre” oferece uma medida, ou melhor, *a medida mesma* do habitar humano. A tal medida que atravessa o rasgo entre a terra e o céu ele chama *dimensão*, e sobre esta se instaura a rela-

---

15 *Ibid.*, p.171.



ção recíproca entre ambos, seu voltar-se um para o outro. Esta dimensão não possui extensão, não se deixa representar numa apreensão espacial habitual, e a essência desta dimensão é deixada sem nome. Ela acontece na medida em que o homem se mede, inevitavelmente, a partir do divino, consumando assim sua própria humanidade. E Heidegger diz:

O divino é “a medida” [das Maaß] com a qual o homem confere medida ao seu habitar, à sua morada e demora sobre a terra, sob o céu. Somente porque o homem faz, desse modo, o levantamento da medida de seu habitar é que ele consegue *ser* na medida de sua essência. O habitar do homem repousa no fato de a dimensão, a que pertencem tanto o céu como a terra, levantar a medida levantando os olhos.<sup>16</sup>

Sendo assim, este levantamento de medida acaba por se revelar como “inerente à essência humana”, e mais do que isso: ele é a própria sustentação do habitar, é o que este tem de poético, e que o investe de sua grandeza e de seu caráter fundamental. Mais uma vez o habitar humano é concebido, em Heidegger, como o que se instala num *entre*, tendo seu caráter poético no levantamento mesmo da medida deste *entre* e, sobretudo, como ele afirma, “em se conquistar a medida com a qual se há de medir”, uma medida adequada à sua essência, que se consuma em seu ser como mortal: “Somente o homem morre – e, na verdade, continuamente, enquanto se demora sobre esta terra, enquanto habita”.<sup>17</sup>

Pode-se considerar aqui que este *entre dois*, onde acontece o habitar do homem, configura-se ao mesmo tempo como um caminho: enquanto habita, o homem já se encaminha para seu fim, para um não mais habitar, num estar destinado a uma perda da morada que acaba por aderir-se à própria essência de seu habitar. O traço de estranhamento, próprio a esta sua condição, afeta também a medida que ele toma ao percorrer com seu olhar a dimensão que se abre entre a terra e o céu: pois, para o poeta, o divino com o qual ele se mede é um deus desconhecido, que se oculta sob a aparência do céu, ou seja, que aparece como aquele que permanece desconhecido, um deus que, na estranheza, “anuncia a sua proximidade ininterrupta”, como afirma Heidegger. E inevitavelmente se coloca a pergunta: como aquilo que mantém-se desconhecido poderia alguma vez ser tomado como medida? Voltando ao poema,

16 *Ibid.*, p.172.

17 *Ibid.*, p.173.

Heidegger identifica esta medida no próprio desocultamento do deus que se dá através do céu, o céu que “deixa ver o que se encobre”. Este movimento de preservar num resguardo todo aparecer, próprio da *alétheia*, marca esta tomada de medida do homem em relação aos deuses; esta estranha medida, em que o homem, enquanto mortal, se confronta com aqueles que não são passíveis de morte. E a poesia, diz Heidegger, “é essa tomada de medida”; ela não se identifica a ideia de construção num sentido corriqueiro, mas antes como a possibilidade mesma de tomada de medida para o habitar humano. Sendo assim, ela é anterior a todo habitar, é “um construir em sentido inaugural”, franqueando ao homem um acesso à essência de seu habitar.

Habitar e poesia apresentam, no pensamento de Heidegger, uma vinculação essencial, que só faz se intensificar ao longo de seus escritos, e não é a intenção deste breve estudo esgotar os inúmeros desdobramentos temáticos que esta vinculação recebeu em sua obra. Mas será interessante registrar aqui o retorno de Heidegger à questão do habitar quando fala da vida e da poesia de Johan-Peter Hebel em *Hebel – O amigo da Casa*, ensaio de 1957. Aqui, pensando a casa em suas múltiplas possibilidades de compreensão, Heidegger retoma o tema do “deixar-habitar” e ao cerne mesmo do habitar. Mais uma vez, a imagem de um caminho que se instala num rasgo entre opostos que se defrontam aparece como que para dar conta da dimensão deste habitar, e a passagem que se segue é uma clara expressão disto:

Se pensarmos o verbo “habitar” de forma suficientemente ampla e essencial, este nos indica a maneira como os homens, sobre a terra e sob o céu, realizam sua caminhada do nascimento à morte. Esta caminhada é multifacetada [vielgestaltig] e apresenta transformações. Por toda parte a caminhada permanece, no entanto, como o traço fundamental do habitar enquanto o demorar-se humano entre terra e céu, entre nascimento e morte, entre alegria e dor, entre obra e palavra. Se chamarmos este “entre” multiforme [dieses vielfältige Zwischen] o mundo, então o mundo é a casa em que habitam os mortais.<sup>18</sup>

E Heidegger, ao final de seu escrito, completa:

---

<sup>18</sup> Heidegger, Martin. *Aus der Erfahrung des Denkens*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1983, pp.138-139, tradução minha.

A linguagem mantém o âmbito aberto onde o homem habita a casa do mundo [das Haus der Welt], sobre a terra e sob o céu.<sup>19</sup>

A expressão “a casa do mundo” se conecta ainda com outra: o “entre multi-forme”, o mundo mesmo, que se configura numa rede de sentidos suficientemente ampla para dar conta da existência, ainda que finita, do homem. Na casa que é o mundo, a caminhada, ou o estar a caminho, se confunde com o próprio permanecer, com o habitar em sua forma mais fundamental.

A crise no habitar, em um sentido mais estrito e que Heidegger testemunhou ao longo de sua vida, especialmente no pós guerra, não é decididamente o que ele focalizou em suas reflexões. Antes, identificou na *Gestell*, no mundo tecnologicamente administrado a raiz oculta de toda crise do habitar e da condição humana atual, marcada pela ausência de morada: ausência de habitação se torna, então, um destino planetário, como ele diagnostica. O habitar sobre o qual Heidegger se debruçou tão intensamente em sua obra mais se identifica a esta perda do abrigo, ao defrontar-se com a inevitável impermanência que atravessa a existência humana, num estar sempre a caminho que, afinal, parece ser a marca deste seu habitar. Como ele mesmo colocou,

(...) a morada do homem em meio aos entes é bem estranha, para não dizer extraordinária. Esta morada pressupõe um lugar cuja localidade não está, de imediato, dada ao homem. Por isso, o homem deve se pôr a caminho, no sentido de buscar questionar esse lugar de sua essência.<sup>20</sup>

---

19 *Ibid.*, p.150.

20 Heidegger, Martin. *Heráclito*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002, p.351.